

## A criação amada, aspectos de uma antropologia teológica na obra Castelo Interior de Santa Teresa

*Josué Laurindo da Silva*<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo quer mostrar uma visão antropológica que dê conta de pensar o ser humano contemporâneo de forma unitária em suas múltiplas dimensões. Tal tarefa se impõe a antropologia teológica, visto que ela tem o dever de dar uma opinião acerca do ser humano como um todo. Contudo, o que se tem visto na sociedade são visões fragmentadas e dualistas acerca da pessoa. Tendo em vista tais concepções, nos propomos a identificar e analisar alguns possíveis aspectos de uma teologia da criação na obra Castelo Interior de Santa Teresa, que possam ajudar neste debate. Tal intento se dará em três momentos: primeiro, situar, de forma breve, como os aspectos antropológicos no contexto da obra e da vida da autora são base para a obra Castelo Interior. Em seguida, apresentar de forma sistemática os aspectos de uma antropologia da criação na dita obra; por fim, mostrar a relevância desses aspectos para a contemporaneidade. Conclui-se que os aspectos de uma antropologia da criação presente na obra de Teresa, podem oferecer uma significativa contribuição para se pensar o ser humano, pois tal abordagem o concebe envolvido num processo histórico-salvífico, que vai desde a Origem até a Consumação, a união da alma com ao seu criador, pontos que revelam a que dignidade o ser humano é chamado.

**Palavras-chave:** Antropologia. Criação. Humanização. Santa Teresa.

**Abstract:** This article wants to show an anthropological view that gives an account of thinking the contemporary human being in a unitary way in its multiple dimensions. Such a task imposes itself on the theological anthropology, since it has a duty to give an opinion about the human being as a whole. However, what has been seen in society are fragmented and dualistic views about the person. In view of such conceptions, we propose to identify and analyze some possible aspects of a theology of creation in the work Castelo Interior, by Santa Teresa, which may help in this debate. This attempt will take place in three moments: first, briefly situating how anthropological aspects in the context of the author's life and openness are the basis for the work Castelo Interior. Then, to present in a systematic way the aspects of an anthropology of creation in said work; finally, to show the relevance of these aspects for contemporaneity. It is concluded that the aspects of an anthropology of creation present in Teresa's work, can offer a significant contribution to thinking about the human being, because such an approach conceives him involved in a historical-saving process, which goes from the Origin to the Consummation, the union of the soul with its creator, points that reveal to which dignity the human being is called.

**Keywords:** Anthropology. Creation. Humanization. Santa Teresa.

---

1 Josué Laurindo da Silva foi bolsista da FAJE e foi orientando da Profa. Dra. Aparecida Vasconcelos em sua iniciação científica, concluída em 2018, enquanto cursava a sua Graduação em Teologia. Seu plano de trabalho esteve vinculado ao projeto de pesquisa de sua orientadora, intitulado “O Verbo se fazendo carne? A experiência cristã em cenário pós-colonial e em perspectiva interdisciplinar”, dentro do Grupo de Pesquisa “Estudos de Cristologia”. E-mail do autor: [josue.ocarm@yahoo.com.br](mailto:josue.ocarm@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

A partir da segunda metade do séc. XX há um retorno do interesse pelo tema da criação. Percebeu-se então a necessidade de uma recuperação da dimensão teológica da criação, em particular na dimensão cristológico-trinitário, considerando a relação homem-mundo à luz da criação em Cristo. Assim, a teologia da criação foi tomando uma perspectiva predominantemente antropológica, levando em conta a pessoa em si mesma, na sua relação com Deus e com os outros. Na perspectiva da fé no Deus criador que é também salvador.

Teresa (1515 – 1582), de forma indutiva, na obra *Castelo Interior*, deixa entrever elementos da sua fé em Deus Criador e no ser humano criado à sua imagem à luz de Jesus Cristo. Diante desse quadro ela apresenta um itinerário de humanização que o homem é chamado a percorrer até realizar-se Naquele em quem foi criado. Verifica-se, simultaneamente, uma perspectiva unitária da criatura humana e a superação da divisão entre criação e salvação, entre criação e escatologia, visto que a pessoa já nesta terra é chamada a viver, na graça, a relação consigo mesma e com o mundo, no mistério da Trindade.

Dessa forma, a carmelita apresenta uma visão da criatura humana dentro do mistério da criação, que só foi tematizada oficialmente pela Igreja no Concílio Vaticano II (principalmente na *Gaudium et spes*). Sua proposta tem originalidade tanto doutrinal como mistagógica, por isso continua sendo uma proposta capaz de dizer algo sobre Deus que cria por amor e sobre a criatura humana, que no mistério da criaturalidade descobre sua grande dignidade.

O artigo está dividido em três capítulos. O primeiro apresenta alguns traços da vida de Teresa que possibilitam a interpretação da obra *Castelo*, lugar simbólico onde ela faz a experiência de ser criatura amada. Em seguida, os principais aspectos de uma antropologia da criação no *Castelo Interior*, de forma sintética, devido aos limites deste trabalho. Por último, no terceiro capítulo, alguns desafios do homem contemporâneo e a proposta de Teresa como caminho de humanização.

### 1. TERESA: UMA BIOGRAFIA LUZ DA QUAL SE VER O SER HUMANO

A obra *Castelo Interior* é considerada pelos estudiosos a obra prima de Teresa. Ao longo das páginas, constatamos uma biografia na qual transparece a ação de Deus e que, concomitante, ilumina a antropologia cristã. (PÉREZ, 2011, 29). Ela “procura expor o mistério da vida Cristã na plenitude do seu desenvolvimento” (ALVAREZ, p.2429) ao sistematizar a sua experiência espiritual. Um olhar atento sobre o livro da *Vida* nos fornece a chave hermenêutica de compreensão do *Castelo*.

É necessário, então, situar Teresa no seu contexto sociocultural, mostrando possíveis questões que ela procura responder. Filha do seu tempo, ela está ligada às realidades históricas do séc. XVI espanhol, da situação da Igreja na sua época. O seu testemunho foi uma resposta original.

## 1.1 CONTEXTO HISTÓRICO TERESIANO

O séc. XVI é paradigmático. É um tempo no qual surgem interrogações e aporias, tempo de incertezas e crises, mas também tempo de criatividade. Desde o grande cisma do ocidente (1378 –1417), a cristandade começa a fraquejar, mostrando forte decadência moral e espiritual, e isso também afetava a vida religiosa. O esplendor das cortes e as honrarias se contrastavam com as misérias sociais. Havia uma insatisfação por parte do povo, tanto religiosamente quanto socialmente. Movimentos importantes marcaram esse período: a Reforma protestante (1517), o Concílio de Trento (1547 – 1563), que foi a reforma católica. Tudo isso afetará de alguma forma a vida de Teresa.

Na tentativa de encontrar caminho para lidar com sintomática inquietude do povo e resolver os problemas eclesiais e sociais que envolviam esse período, os teólogos espanhóis Vitória e Soto Soárez apresentam a teoria do contrato entre o rei e o povo, não lhe cabendo nenhum espaço à noção absolutista da realeza de direito divino (MONDONI, 2015, p.11-16). De acordo com tal contrato, o rei se apresentava como o defensor da fé, mantenedor das estruturas sociais baseadas em privilégios; devia ainda garantir as imunidades eclesiásticas, e harmonizar suas leis de acordo com as leis da Igreja; permitir o uso da coerção por parte da autoridade eclesiástica (inquisição). A Igreja tinha a primazia na educação e na caridade. A bem da verdade, a Igreja detinha o poder espiritual e o estado detinha o uso da força, mas ambos se influenciavam mutuamente.

O discurso desses teólogos não surtia grandes efeitos na vivência da fé e na melhoria da sociedade, visto que:

“a cristandade dividida, as guerras religiosas na Europa do Norte e Central relativizavam intensamente as várias convicções de fé. A multiplicidade de credos faz violenta oposição à certeza de fé e a unidade religiosa. A guerra dos camponeses, a fome, as doenças contagiosas e o desmoronamento de formas de comunidades tradicionais apontam para um desmantelamento das estruturas políticas.” (STEGGINK. 2015, p.8).

A pessoa que busca segurança, não a encontrando naquela sociedade tradicional, passa a busca-la dentro de si mesma. A autocompreensão passa a ser o critério que iluminará a própria existência e a vivência espiritual. Vê-se claramente tal movimento na obra *Castelo Interior*. Teresa, que diante da insegurança social e instabilidade de opiniões de seus próprios confessores, por medo da inquisição, sente-se abandonada à sua própria orientação. (STEGGINK. 2015, p. 8-9). Na busca de encontrar uma resposta, Teresa inicia a dita obra com uma constatação: “que lástima e confusão que, por nossa culpa, não nos entendermos a nós mesmos nem saibamos quem somos”. (1M 1, 2).

O autoconhecimento é algo fundamental para adentrar na simbologia do castelo, pois, “o ser humano se autoconhece e alcança a plena humanização quando descobre e assume,

graças a um processo pneumatológico, que seu mistério se desvela no Deus trinitário que habita sua interioridade”. E isso se dá num “itinerário soteriológico desde a criação até a plenificação” (PÉREZ, 2012, p.191).

Tal itinerário propõe um processo “*kenótico*” de descida ao mais íntimo de si mesmo, a fim de deixar emergir uma vida nova (5M) que vem do encontro com esposo (6M). Tal encontro capacita o homem a uma relação de plenitude com Deus trindade e com os irmãos (7M). Todos podem trilhar esse caminho.

## 1.2 TERESA EM SEU CONTEXTO

O contexto em que Teresa viveu foi marcado por dois grandes reinados: o período de Carlos V (1516 – 1556), tempo de expansão e abertura; e, logo em seguida, o reinado do seu filho Filipe II (1556 – 1598), “acossado e nervoso, tenso, vigilante e controlador”. Ela nasce e se forma no primeiro período, mas desenvolve sua personalidade e atividade no segundo (ALVAREZ, 2011, p. 15). Houve, então, com Felipe II:

Um giro para posturas mais rígidas: se proibem os livros estrangeiros e se institucionaliza o medo ao castigo com as ideias de Erasmo e Lutero. Tudo leva a que se produza uma separação entre teologia e mística, o que impulsiona ou produz um temor a mudança para uma nova espiritualidade que proponha o seguimento de Cristo para todos sem exclusão. (PÉREZ, 2011, p.26)

Contudo, a fecundidade dos místicos parece emergir preferencialmente em tempos difíceis, a começar pela própria realidade de Ávila, cidade marcada por contradições. O povo sentia-se continuador da sociedade espanhola medieval. Aí “era deprimente o culto da honra, até constituir-se em mentalidade das leis de pureza de sangue”. Ao tempo em que resplandecia tal mentalidade, contraditoriamente, “a cidade contava com um grande número de pobres” (ÁLVAREZ, 2011, p.13). Teresa ao longo de sua vida vai se revelar contra esse culto, que gera miséria e sofrimento e, mergulhada nessa realidade paradoxal, transforma-a desde a sua profunda relação com Deus, pois age segundo a vontade de Deus que criou a todos por amor e para o amor. Dada que, posta pelo Criador, essa realidade é “o ponto de encontro com Deus, que revela sua verdade cada vez de novo como a verdade do homem.” (STEGGINK, 2015, p. 9).

## 1.3 TERESA: UMA MULHER CRIADA E RECRIADA POR DEUS

Teresa nasceu no seio de uma família que lhe possibilitou experimentar a profundidade do amor humano e, ao mesmo tempo, conferiu-lhe o dom da fé. Desde criança cultivou a relação com Deus, a quem rendia ímpetos de amor. Experimentou também de forma drástica o sofrimento humano, aos doze anos perde a mãe (V 1,7). Ainda, nos albores da adolescência

ela vai tomando consciência da realidade do pecado em sua vida. Tais tomadas de consciência serão importantes no itinerário rumo a maturidade humano-espiritual, pois mediante a fé no amor gratuito de Deus e a sofrimento, próprio da condição humana marcada pelo mal, se vai desmascarando a falsidade do pecado, e se evidenciando a necessidade raciocinada de uma conformação da própria vontade do Criador, que recria o ser humano no seu amor.

Deus cria e se dá em relação amorosa, em vista da plena realização do ser humano. O pecado é então concebido como “ofensas” a “amizade” de Deus (V 8, 5), um “atrevimento” contra a “majestade divina” (V 40, 4. 11), em detrimento do seu grande amor para com a criatura. É um permanecer nas superficialidades das horarias deste mundo (V 2), ao invés de adentrar no mais profundo de si mesmo, onde brota a fonte da plenitude da vida.

Para trilhar esse caminho rumo a fonte é necessário dar um salto na fé, tomando a decisão de abraçar uma nova proposta de vida (V 4, 2). Ela decide-se por esse caminho em um momento de profundo sofrimento (V 4, 1). Nesse momento, a prática da oração mental (V 4, 6-7), orientada na esperança, ajudou-a a não se perder na tragicidade do sofrimento humano. Ainda mais, ajudou-a a abrir-se para a profunda da criaturalidade humana.

A experiência da criaturalidade leva o ser humano a fazer perguntas radicais acerca da existência: “o de onde e o para onde”. Como exigência desse começo de tomada de consciência da criaturalidade, brota a necessidade do autoconhecimento, que se dá num duplo momento, entrar “dentro de si” para depois “subir sobre si”: “A introversão e a elevação são dois movimentos de uma mesma realidade, e vão apontar para uma simultaneidade da absoluta transcendência e imanência de Deus em relação ao espírito humano.” (PEDROSA-PÁDUA, 2015, p.42).

Mas tal realidade não é um momento, mas um processo, marcado pelo pecado. Isso é visto claramente no período de retomada da saúde da carmelita, marcadamente um tempo de crise (1542 – 1554). Vivía uma dicotomia entre o fervor e relaxamento, um esfacelamento existencial.(V 7, 1-12.17). É a sua humanidade chamada a relação com o absoluto, sendo atraída pelo mundo. Isso reflete, na verdade “uma crise profunda de maturidade humana e espiritual: a santa procura e não encontra o verdadeiro sentido de sua vida; não consegue entender que significado tinha Cristo na sua vida, nem esquecer a presença dele nela”. (ALVAREZ, 2012, v.3, p.2412)

Em meio a essa tensão existencial, Teresa abre-se a conversão definitiva. Uma série de visões<sup>2</sup> contribuiu para o começo de uma nova fase da sua vida, pois começa a entender Cristo como uma realidade vital. E, consciente de ser marcada pelo pecado, faz uma aposta teológica e existencial na graça. Posto que, a relação com Cristo faz nascer nela o horror pelo

2 Segue as visões que marcaram esse giro existencial na vida de Teresa: visão do rosto severo e triste de Cristo (V 7, 6); a visão de um enorme sapo (V 7, 8); as advertências de uma monja que era sua parenta(V 7, 9). Entretanto, foram as visões interiores que levaram a cabo o processo: o encontro com a imagem de Cristo chagado (V 9, 1-3); a leitura das Confissões de Santo Agostinho (V 9, 7-9). Esses dois fatos aconteceram durante a quaresma de 1554.

pecado. É o início de uma nova fase (V 23, 1), tanto na relação consigo mesma, como na sua relação com Deus. Mas também da relação com os influxos das mentalidades estruturantes da sociedade de sua época. Tentando descrever esse giro Steggink afirma:

Ela superou seu desenraizamento vital e a alienação de si mesma, nominalmente de sua corporalidade, após uma luta de vários anos, passando, às vezes, por abismos; ela alcançou certa unidade de psique e corpo. (2015, p.85).

Nesta nova etapa, aparece a positividade da pessoa mesma da vida e obra de Teresa. Tal etapa não é algo automático, mas um processo existencial que ela passa ao deixa-se interpelar pelo mistério de Deus; e ao mesmo tempo, abre-se para o mistério de si mesma. Aí o ser humano, experimentando a sagrada Humanidade,<sup>3</sup> pode discernir a realidade que a circunda e, em liberdade, experienciar o novo, que já o precede (podemos a princípio chamar de graça). Na união com Cristo se faz a experiência da criaturalidade, e se abre a participar do seu destino. Aí “A razão admite que desconhece o mais profundo do ser humano e aceita ‘conformar’ sua vontade a vontade de Deus.” (PERÉZ, 2011, 52).

Contudo, pesava grande preconceito sobre toda e qualquer mulher que adentrava no caminho espiritual, às mulheres cabia o trabalho doméstico e as devoções, pois elas eram tidas como inaptas a prática de oração interior. Tal visão parece negar a dignidade e capacidade do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus. Mas a experiência mesma do mistério de Deus, em Jesus Cristo, desmascara certas estruturas de desigualdades (quer seja de gênero, quer seja social).

Mas a santa era ciente que também havia exageros de alguns movimentos espiritualistas. Por isso, diante de certas situação e experiências temia cair em engano (V 33, 5). Mas não recua no seu caminho espiritual, pois, diz ela: “eu comecei a temer, visto serem grandes o deleite e a suavidade que eu sentia, amiúde sem poder evitar, por ver em mim uma enorme segurança que era Deus”. (V 22, 2). Mesmo assim precisava se cuidar, pois despertava revolta como mulher, mística e, ainda, como escritora espiritual.

Mulher de personalidade forte, não se deixou abalar, antes deixou-se formar por todas essas realidades que a cercavam. A pressão exercida ajudou-a a se apegar aos elementos mais sólidos da fé e, com isso, dar mais precisão ao que escreve, visto que escreve sua experiência. Mas não escreve por um querer seu, antes a pedido de seus diretores espirituais e, para isso, encontra sua motivação, no bem que isso pode fazer para suas irmãs, instruindo-as no caminho espiritual.

Era notável o desenraizamento vital do seu tempo. A solução para tal problema só poderia ser resolvida com uma volta a Fonte, mediante uma vida evangélica e contemplativa.

3 As experiências da sagrada Humanidade de Cristo estão centralmente referidas no livro da Vida; nas *Moradas* tais experiências estão explicitadas no capítulo sétimo das sextas moradas. A sua experiência com a humanidade de Cristo ajuda-a a superar as compreensões vigentes acerca da contemplação, que instruía a contemplar apenas a divindade de Cristo. (V, 22, 1.10).

Pois, na compreensão da doutora, “o recolhimento, a caminho para dentro, para o Si mesmo mais profundo é o caminho de volta para Deus e para o si mesmo.” (STEGGINK, 2015, p. 34). Trata-se, pois, do núcleo central da pessoa, lugar do encontro com Deus, e de abertura pra a ação dele.

Na jornada rumo a Fonte a pessoa é chamada a um contínuo desorbitamento do próprio ego, para se abrir ao mistério da plenitude, na mediação do próximo. Enquanto a pessoa não se deixa embriagar por essa Fonte, permanece num dualismo, que não a permite ser ela mesma. Isso será superado mediante a perseverança no caminho da oração:

“se perseverar, tudo espero da misericórdia de Deus, pois ninguém fez amizade com Ele sem dele obter grande recompensa. Para mim, a oração a oração mental não é senão tratar de amizade – estando muitas vezes a sós – com quem sabemos que nos ama.” (V 8, 5).

Por se tratar de amizade, a oração é transformante. “A amizade com Deus gera homens novos, é forjada de mutação de vida. Porque afeta a pessoa toda e mobiliza toda a pessoa na linha do amor responsivo.” (GARCIA, 2001, p.82). Assim, o “tratar de amizade” fazer desenvolver e aprofundar tal relação até à sua plenitude. É um receber e dar amor. De outra forma, é um processo de humanização, que encaminha o homem ao centro do castelo para a união transformante. Ante essa relação Teresa exclama: “a [vida] que passei a viver [...] é a que Deus vive em mim.” (V, 23, 1). Essa nova etapa é marcada por uma relação resignificada com Deus e com o próximo.

Claramente notado na Vida de Teresa entre os anos 1554 e 1562, essa relação (união) vai solidificando as virtudes da pessoa. Sob a graça do Espírito Santo (V 24, 5-7), começa-se a operar com mais clareza a experiência do sentir-se salva, justamente nesse momento se tornam mais claras e mais abundantes as experiências da humanidade de Cristo. (V, 26, 5; 27, 2; 28, 29). Assim, na força do Espírito, a pessoa morre para si, e plasmada no Cristo, sente-se renovada, renascida como que recebesse uma nova natureza. Pois, “a comunicação de Deus provoca, então, bens indizíveis; ela descobre à pessoa profundidades e potencialidades de outra maneira inimagináveis. A vontade humana e seduzida por Deus e fica unida à vontade dEle.” (PEDROSA-PADUA, 2015, p.198).

O período conhecido como “noivado espiritual”, aguçou a sensibilidade para receber as graças de Deus. Acontece, então, uma erupção de fenômenos místicos (V, 29, 13-14). Tais experiências purificam e transformam profundamente a pessoa e a preparam para sua experiência eclesial. Ela abre-se aos sinais dos tempos e aguça em si o senso de Igreja. Aberta a vida eclesial não se entregou aos seus próprios sofrimentos (V 32, 9-11; 36), mas, mergulhada no mistério de Cristo, viveu tais realidades desde o amor.

Esse processo tem seu cume no “matrimônio espiritual”, que proporcionou-lhe uma paz permanente. “Esta paz revela admirável integração das dualidades antropológicas. Integração não dada previamente à pessoa, pois ela vai se fazendo no processo da graça que se comunica

de maneira trinitária.” (PEDROSA-PÁDUA, 2015, 313). Ao mesmo tempo em que alcançou tal paz, viveu uma intensa atividade fundacional. Período de maturidade humana espiritual e de uma visão global da ação amorosa de Deus criador, salvador e plenificador. É, então, que ele escreve sua obra magna, *Castelo Interior*.

## 2. ASPECTOS DE UMA ANTROPOLOGIA DA CRIAÇÃO NA OBRA *CASTELO INTERIOR*

Ao propor uma leitura antropológica do *Castelo Interior* precisamos ter em mente que esta obra transparece a maturidade humana espiritual da autora. Ela revisita toda a sua experiência, todas as suas reflexões, e se confronta com os teólogos e diretores espirituais, para, então, compor *Moradas*. Esta reflexão será o cume do que a santa já chamara de “teologia mística”<sup>4</sup> no livro da *Vida* (V, 10,1). Pois aqui ela sistematiza a sua relação vivida com Deus e a ação dele na sua alma<sup>5</sup>, que vai da criação a plenificação.

Assim, a antropologia teológica de Teresa é fruto de uma teologia existencial que se manifesta na ação do Espírito em sua vida. Revelando-se assim uma Antropologia pneumática, na qual o Espírito vai atuando na criatura frágil e limitada. (PÉREZ, 2011, p. 34). Ele conduz à relação com Cristo que se torna espelho da vida da pessoa que se abre a tal ação, ao tempo em que revela uma existência trinitária. Nesse processo a alma vai descobrindo-se criatura amada, mergulhada no mistério de Deus.

A autora não tem o intuito de escrever algo sistemático sobre a antropologia da criação, mas a partir de sua relação com o mistério da trindade ela vai descobrindo-se a si mesma e deixando transparecer algo acerca do ser humano, criado a imagem de Deus e destinado a realizar a perfeita semelhança, no mistério do Deus trino. Tal processo fica visível a partir de uma análise da simbologia teresiana; e também, como bem observou Pérez, nos “quatro termos relevantes para a compressão da condição humana: ‘razão’, ‘amor’, ‘espanto’ e ‘espírito’”. (PÉREZ, 2012 p.194). Tais termos nos ajudam a ver a criação dentro do processo histórico salvífico que vai desde a Origem até a Consumação, a união da alma com ao seu Criador, o que revela a profunda dignidade do ser humano.

### 2.1 CASTELO INTERIOR, SÍMBOLO DE UMA ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA

Nos escritos teresianos há uma vasta simbologia. Destacaremos o da alma-castelo que indica os distintos graus de intimidade vivida consigo mesmo e com Deus. Tal símbolo dá

4 Até o século XVII esta expressão “teologia mística” se referia a “um conhecimento experimental, imediato, interno e saboroso das realidades divina; um conhecimento ‘teopático’ em que as realidades de Deus é ‘padecida’ mas que sabida.” (D, *Mística*) É tal teologia mística fundada na teologia apofática de Pseudo Dionísio do final do séc. V. Teresa no Livro da *Vida* expressará aproximação dessa ideia de Dionísio (V, 10, 1).

5 Ela foca sua atenção aqui nas “coisas sobrenaturais”, ou seja, naquilo que Deus realiza na alma da pessoa e que a pessoa humana não é capaz de fazer por seu esforço (cf. M, prol.).

unidade a obra e expressa de modo mais global a ideia de uma antropologia da criação, muito embora ela se utilize da simbologia só até quando esta é capaz de lhe servir na empreitada de expressar sua experiência de forma doutrinal ( 1M 2, 5 e 5M 3, 1).

A ideia da alma-castelo tem sua raiz na experiência da Santa de se sentir habitada pelo Senhor e habitando nele (V, 10,1). Tal experiência, mediante as “visões”, culminam com a certeza da experiência da humanidade de Cristo (V, 22), que a habita no cento da alma, donde ilumina-a toda (V, 40,5). Mas é ao longo do seu itinerário que tal presença vai se revelando presença trinitária. Especificamente ela vai fazer a experiência da presença trinitária dois anos antes de escrever *Moradas* (PEDROSA, 2016, 14). Esta obra, fruto da maturidade teológica, lança um olhar sobre o humano.

Partindo daí, em *Moradas*, apresenta-se uma antropologia pluridimensional e unitária. “A Antropologia pluridimensional se caracteriza pela consideração das diversas dimensões do ser humano, na perspectiva de sua evolução histórica marcada por inúmeros fatores”. Ele não é uma coisa que pode ser definida mas uma história marcada pelo espaço e pelo tempo. Quando falamos de antropologia unitária queremos afirmar a existência de uma única história humana, a fim de superar o dualismo através da afirmação da unidade profunda do ser humano, realidade ao mesmo tempo material e espiritual. E afirmamos essa realidade dentro dos limites da materialidade histórica. (GEBARA; BINGEMER, 1988, p.21).

Já na primeira morada, Teresa expressa tais realidades: “falo de considerar a nossa alma como um castelo todo de diamante ou de cristal muito claro onde há muitos aposentos tal como no céu há muitas moradas”. Mas esse castelo não é por si só, é em relação, nele Deus habita. Em suas palavras: “não é outra coisa a alma dos justos senão um paraíso onde Ele disse ter suas delícias.” Ele a criou “a sua imagem e semelhança”. (1M 1, 1).

Esse castelo é dinamicamente formado por várias moradas. “E, no centro, no meio de todas, está a principal onde se passa as coisas mais secretas entre Deus e a alma” (1M1, 3). É aí que se deve pôr os olhos, pois é o aposento onde está o Rei, o sol que ilumina todas as moradas (1M 2, 8). Para que a criatura possa desfrutar dessa dinamicidade e beleza, é preciso se libertar das exterioridades e adentrar no nosso interior, mediante o conhecimento próprio (1M 1, 2), que se realiza no mistério do Cristo (5M 2, 2-3), Deus e homem verdadeiro. Aí vai se operando uma conformação da vontade humana com a de Cristo.

A alma é habitada por Deus, e potencialmente receptora de tantas graças. Para recebê-las duas coisas são importantes, humildade e amor ao próximo (1M1,3). Aqui está presente uma tríplice relação do ser humano: com Deus, consigo mesmo e com o outro (mundo). Na relação com Deus a criatura vai perdendo sua autoreferencialidade e, se abrindo ao mistério do outro que, em sua liberdade, se encontra no mistério de Deus, que é “sempre mais”.

No processo do ser humano rumo à união com Deus. As três primeiras moradas mostram até onde o ser humano, com o auxílio da graça, pode chegar com seu esforço; as três últimas moradas tratam das coisas sobrenaturais, aquilo que só Deus pode fazer na alma. No

centro estão as quartas moradas que liga o natural ao sobrenatural. Nesse conjunto o ser humano é apresentado em sua totalidade, criado por Deus, por ele acolhido e salvo no mistério do Filho, pela força do Espírito que conduz a criatura humana a plenitude da graça.

Percebe-se uma visão otimista do ser humano. Na trama da vida é ressaltada a dignidade da criatura, maravilhosamente criada por Deus, o que lhe causa grande admiração. (4M2, 5)

Ó Senhor e Deus Meu, quão magníficas são vossas grandezas! E andamos aqui como pastorzinhos bobos, julgando enxergar de Vós algo que não deve ser mais que nada, já que em nós mesmos há grandes segredos que não entendemos. Digo que não deve ser pouco mais que nada para o muito, muitíssimo que há em Vós e não por que não sejam magníficas as grandezas que vemos que nós podemos compreender das vossas obras. (4M2, 5)

Ao final da obra, por inclusão, é retomada a afirmação da alma-castelo, mostrando que o processo de crescimento humano-espiritual permanece, pois o mistério humano e o divino são inesgotáveis. Ela afirma:

Embora não se trate senão de sete moradas, cada uma delas comporta muitas outras: por baixo por cima, dos lados, com lindos jardins, fontes e coisas tão deleitosas que desejareis desfazer-vos em louvores ao grande Deus, que criou esse castelo a sua Imagem e semelhança. (epil. 3).

Está visão do ser humano é fruto de uma visão teologal, a qual se chega mediante uma experiência progressiva de Deus. Assim, se vai descobrindo a si mesma no mistério de Deus, que se dá em relação. Tal relação opera uma transformação tanto corporal quanto espiritual. Assim se vai forjando uma libertação do pecado. Porém, faz uma aposta teológica e existencial na graça. Pois sabe-se habitada por Deus de forma imanente e transcendente.

## 2.2 A CRIAÇÃO AMADA: CRIADOS À IMAGEM E SEMELHANÇA

O tema da antropologia da criação é chave fundamental no *Castelo Interior*. Pois a criaturalidade é uma dimensão fundamental do ser humano. Teresa, ciente do seu ser criatura, e tendo feito a experiência profunda de “ser amada” e da constatação da “razão” capaz de conhecer, mediante o Espírito de Deus, que interpenetra essa realidade, ela se “espanta” diante do mistério que é essa pobre criatura. Tal espanto (maravilhamento), mostrado já na primeira morada, é fruto da sua “noção de ser humano subjacente que parte da plenitude já dada” (PÉREZ, 2011, p.44), pois sabe, existencialmente, ter sua origem, sentido e destino no amor de Deus.

A criatura humana é uma maravilha de Deus que se vai descobrindo na medida em que toma consciência da necessidade do autoconhecimento, caminho indispensável que ajuda o ser humano a encontrar seu fundamento, e o grande valor do seu ser criatura (1M1, 1-2). Pois, criado a imagem do criador, ele é capaz de se perguntar pela verdade, já que é sujeito inteligente e livre, dotado de “grande capacidade” (1M1, 1). Assim, “o discurso teresiano permite afirmar que *a razão compreende o criado* como realidade impulsionada por Deus”. (PÉREZ, 2011, p.43, grifo nosso).

Deus no seu mistério de amor se compraz com a criatura, encontra nela suas delícias (1M 1, 1). Ele é o mistério fundante que se quer em relação, conserva e garante a criatura até a sua plenitude. Nesse trato com a criatura se mostra também a abertura desta ao transcendente (imaneante). Ele é capaz de um diálogo sério e progressivo que o vai plenificando, mediante a oração que é a porta da alma-castelo. (1M 1, 6-7.9).

O conhecimento próprio, fundamental nesse percurso, (1M2, 8-9.12-13, 15-16) se alcança desde a liberdade e a pequenez humana, quando se tem fitado o centro do castelo. Por isso, o peregrino do castelo é convocado, mesmo já estando no aposento mais íntimo, a manter-se humilde, consciente de sua criaturalidade (1M1, 8; 7M 4,8). Assim, a alma vai abandonando as honrarias desse mundo e, num combate tanto interior como exterior, vai descobrindo-se a si mesma, na relação com Deus (1M 2, 12). Se não se entregar nessa relação de amor, a alma está fadada a bestialidade (1M 1, 2).

Esse processo encaminha o ser humano para a liberdade que, guiada pela razão e caminhando rumo ao centro, é capaz de discernir e guiar a vida na perspectiva do projeto plenificador de Deus (2M 1, 4-5) e, dessa maneira, realizar-se como liberdade criada. (PEREZ, 2011, p.51). Aí o ser humano vai formando sua identidade como consciência crente em relação a experiência do sentido e da determinação de si. Então, na liberdade reflexa (na relação com a Sagrada Humanidade) o homem vai conformando sua vontade a vontade de Deus, e assumindo as dificuldades da vida desde o amor (2M 1, 8).

Desde a experiência da fragilidade, na liberdade ante o criado, a criatura humana vai se abrindo a responsabilidade e a consciência de ser sujeito da história, assumindo-a até a sua plenitude. É isso, na verdade, um processo *kenótico* de salvação que, pelo Espírito<sup>6</sup>, no Filho, a criatura é chamada a passar. A alegoria do bicho-da-seda mostra brilhantemente esse processo. Aqui a alma já tematiza a ação criadora de Deus nos processos de transformação geradores de vida: o vermezinho da seda, quando parece morto, “com o calor” ela começa a viver, tece seu casulo e ali se encerra, morre, para receber nova vida. Então se transformar numa linda borboleta. O casulo onde se há de morrer é o próprio Cristo (5M 2, 2- 4).

Acontece aqui a união com Cristo na qual o homem se descobre copartícipe do processo de libertação. Uma vez que sua existência foi transformada, a finitude é orientada para a

6 “O Espírito é descrito como princípio de vida, color que vivifica a semente ainda morta: ‘então ela começa a viver.’” Esse calor ela denomina de “auxílio geral”. Como auxílio geral é denominado a graça que Deus oferece a todas as pessoas, o autoconhecimento da autodoação de Deus a todos. (PEDROSA. p.185-186).

plenitude, para o definitivo. Nisto o sujeito livre passa a apreciar a criação desde o escatológico, contempla a criação desde a grandeza divina. Portanto, na liberdade se mostra que a razão é capaz de ter em mente que Deus inicia, mantém e plenifica a sua criação. O ser humano, então, se autoconhece dentro desse mistério que é inabarcável de Deus

Tal autoconhecimento se chega pelo agradecimento e pelo padecimento (6M1, 15), posto que a plenitude da criação nesta história é marcada pela ausência de Deus, a alma precisa unificar em si pena e consolo (6M11, 7). Não é algo fácil. Por isso, a criatura frágil e limitada (pelo tempo e espaço) deseja morrer para desfrutar dessa plenitude eterna. Mas Deus vem em seu auxílio e lhe fortalece (6M 11, 9): “a fim de que deseje viver enquanto for de sua divina vontade.” Pois a alma descobre que a humildade é andar na verdade (6M10, 7), assumindo a sua completa dependência de Deus, mediante uma obediência forjadora da identidade (3M 2,12). Aí o ser humano descobre a verdade do ser, quando opta pelo projeto salvador de Deus, no serviço aos irmãos.

Assim, o Deus criador habilita a criatura a viver com liberdade amorosa (pois o amor alarga a razão), o processo de descoberta de sua identidade como fundada no amor misericordioso que a conduz a plena humanização. Nesse âmbito o ser humano pode exprimir sua existência desde o mistério que se lhe deu a conhecer lhe salvando do esfacelamento e instabilidade de sua existência, por graça (Prol 4; 4M 1, 10). Habitado por tal mistério ele transcende a si mesmo, e ama verdadeiramente a Deus e ao próximo (4M 3, 7; 5M3, título.).

O ser humano, então, experiência ativa e contemplativamente quem é este Deus que o cria a sua “imagem e semelhança” um ser capaz de transcendência (1M1, 1). Este, descobre-se filho amado, homem em relação a Deus, homem na mediação do próximo, e na relação com toda a criatura. Assim, em toda a realidade é possível a experiência da criaturalidade, canal de amor e conhecimento, e de desvelamento da bondade da criação.

Na bondade de sua ação criadora e (recriadora), Deus continua atuando na pessoa, leva-a a superar sua própria capacidade criatural, pois o amor de Deus sustenta a fragilidade, e dá um novo sentido ao padecimento. (Prol 4; 4M 1, 10). No reconhecimento de sua limitação atua a graça de Deus. Assim, as realidades que envolvem a pessoa, não lhe roubam a paz.

O ser humano, criado para alcançar a sua plenitude no Criador, tem no amor ao próximo o caminho para isso. Mas, claro, na medida em que participa da unidade de Deus, seguindo o caminho do Filho (5M3, 7-8). Assim, vincula-se o amor humano ao divino, pois este funda aquele. Na relação com o Filho, a pessoa vai entrando na dinâmica gratuita do amor criador de Deus. Na gratuidade, a pessoa, amando, vai se humanizando, pois realiza aquilo para que foi criada (6M 9,18). Na esfera desse amor as obras não têm uma importância em si, mas a perseverança no amor (7M 4, 15).

Chagada a esse ponto a pessoa põe abaixo toda pretensão de endeusamento e, assim, pode ir aspirando a plenitude desta história, posto que “a criação é salvífica e a história de amor entre Deus e o homem está orientada para a plenificação na nova criação”. (PÉREZ,

2011, p.64). Pois, assumindo a sua criaturalidade, e abrindo-se, na fé, a amorosa autocomunicação de Deus em Jesus, ao assumir esse amor, o ser humano se potencia a um crescimento maduro, rumo a plenitude.

A fé, nesse processo, ilumina o enigma humano para que vá sendo compreendido desde a racionalidade amorosa. É um caminho que, na esperança, plenitude da comunhão trinitária. A razão mostra o engano do apego a coisas passageiras em detrimento do seu fim último, “e a fé ensina-lhe o que deve fazer”. Desvelada a fragilidade humana, e, desde a racionalidade amorosa, “a vontade inclina-se a amar Aquele em quem tem visto tão inumeráveis coisas e mostras de amor” (2M 4).

Tal realidade revela que, no processo de autoconhecimento o ser humano vai tomando consciência da sua propensão ao mal e, ao mesmo tempo, do seu ser imagem de Deus. Enquanto avança na relação com Deus, sente a necessidade de ser salvo do mal e do pecado e, na graça, vai assumindo sua condição de finitude e suas consequências, desde a perspectiva escatológica. Pois, recriado, o ser humano alcança sua plenitude graças ao amor trinitário que habita nele. Assim, tal amor desorbita o homem e o capacita a ir amorosamente ao encontro do próximo e, conseqüentemente, faz crescer o amor que se tem por Deus (5M 3, 9).

Nesse processo o ser humano é chamado a assumir esse amor maior revelado em Jesus Cristo, que por amor do Pai e do Espírito assume a fragilidade humana para que todos tenham vida nele. É um amor incondicional que quebra o círculo do mal, capacita e interpela-o a se conformar Cristo, abertos a amor até os inimigos (6M10, 4), pois capazes de gratuidade. Há aqui um duplo movimento que revela o mistério de Deus e o mistério do homem, que Teresa expressa com o temo “espanto, admiração”.

A criatura, vocacionada a mergulhar no mistério Deus, e abrindo-se a ele, vai tomando consciência de sua identidade. Mas isso só acontece na medida em que ela se abre para acolher o diferente desde o amor, deixando-o livre e, assim, evitando cair na tentação de controla-lo. Ou seja, na dimensão escatológica, desde si (da consciência da criaturalidade, se abre para a alteridade) o ser humano experimente o acercamento do Reino e, “no silêncio e na esperança”, desde o outro (do não poder controla-lo), experimenta a providência divina que rege o universo, que convida a todos a participarem do seu Reino. (3M 2, 13).

Como vemos, a antropologia teresiana tem um caráter dialógico de abertura para o Outro e para os outros, o que permite a pessoa olhar para dentro de si para o autoconhecimento da identidade. Nesse processo “o importante não é pensar muito, mas amar muito”, e o seguimento de Jesus. (4M1,7). Nesse horizonte, percebe-se a dignidade da criatura, que sendo ser de relação e aberto a transcendência, na relação do ser humano com o Outro e com os outros, na visão do assombroso mistério de Deus, vai-se alargando a compreensão do seu próprio mistério. Assim, vemos uma escatologia realizada no tempo, na medida em que o ser humano vai conformando sua vontade a de Deus, e, dessa forma, descobrindo sua pequenez e dignidade.

A graça de Deus se comunica a criatura, contudo, a criatura pode se fechar a tal graça. (5M 1, 8). Mas Deus continua presente através de suas obras. Aos que se abrem para essa graça, alargam sua capacidade de percepção, e são chamados a comunicá-la, dando a conhecer o grande amor com que Deus tem nos amado. (7M1, 1). O Deus trino é o grande agente de todo esse processo:

“Cria por amor a Criatura livre; lhe concede o conhecimento da identidade e a missão de conduzir a história salvífica; e vela para que tudo chegue a plenitude. És o Deus que cria e mantém até a plenitude, ou seja, a plenitude divina.” (PÉREZ, 2011, 73)

Assim, no mistério da origem está presente o fim, Deus cria o ser humano destinando-o a comunhão com ele por meio de seu Filho. Na medida que a pessoa assume a sua criaturalidade, ela se abre para o mistério de salvação realizada do Filho pela força do Espírito, que gesta a vida, mostrando o porquê e o para que da ser humano.

Teresa se sabe salva, e habitada pelo mistério da Trindade, daí consegue ter uma visão holística da criação. Como criatura que se concebe em relação com esse mistério, ela experimenta em si o protagonismo das “divinas pessoas” que se atualiza gerando o futuro. Dessa forma, a criação vai sendo entendida como acontecimento histórico para a plenitude, engendrada desde o plano soteriológico. (PÉREZ, 2011, p.73).

Assim, desde o desígnio criacional, a ação amorosa de Deus, no seu Espírito vai gestando a nova criação. O “espírito de Deus”, que em Cristo se encarna, alcança toda criatura. A qual pode viver como recriada. Ou seja, o ser humano, em liberdade, no Espírito, vai assumindo sua fé, graças a Palavra encarnada que o capacita a abrir-se a experiência pneumatológica<sup>7</sup>. Dessa forma, “se pode dizer que o espírito de Deus presente na criação, sem impor-se mecanicamente, concede seus dons para a conformação da criatura a Cristo no acontecer histórico até chegar a plena humanização.” (Ibid, p.74).

A presença do Espírito mostra a temporalidade do ato criador, mas nem sempre tal presença (ação) é bem estendida (salvação do Filho pelo Espírito no Pai) (6M 1, 8). Contudo, a pessoa aberta a tal presença supera as expectativas humanas, pois sabe cumprir a palavra do Senhor (consumação do Espírito pelo Pai no Filho) (6M 3, 9). Pois, no Espírito de Deus a pessoa vive consciente de sua a sua criaturalidade, aberta para o processo de transformação e orientada para a plenitude de maneira confiada e vigilante (Criação do Pai pelo Filho, no Espírito). (6M 3,17). (PÉREZ, 2011).

Dessa forma, a antropologia teresiana é cristológico-pneumática, mostra que o ser humano pode viver a fidelidade do projeto amoroso e a abertura a novidade de seu cumprimento.

7 Só tardiamente Teresa tematiza o Espírito, mas alguns sugerem que isso aconteceu motivado pelo medo de nossa autora de cair nas suspeitas de iluminismo seria um fator inibidor de uma pneumatologia mais explícita. Mas isso não significa que ela não tenha vivido conscientemente a presença do Espírito. (PEDROSA-PÁDUA, p. 184).

Ele cresce na consciência de criatura, onde se manifesta a graça divina. Assim, a pneumatologia ilumina a criação desde a soteriologia.

### 3. A CRIAÇÃO AMADA: UM ITINERÁRIO DE HUMANIZAÇÃO

Hoje, como no tempo de Teresa, se levantam inúmeras questões referentes a integridade do ser humano, que requerem respostas novas e criativas. Vivemos em tempo de contradições: por um lado, grande decadência moral e espiritual, por outro, uma forte busca por uma experiência do sagrado. Percebemos uma dicotomia entre fé e vida, um notável desenraizamento vital, que não permite ao ser humano fazer uma autêntica experiência da verdade do seu ser. A obra e a vida da carmelita pode lançar luzes sobre o presente.

#### 3.1 UMA PROPOSTA DE SENTIDO PARA O HOMEM CONTEMPORÂNEO

Com a crise da modernidade a realidade passou a não mais ser vista de um modo global, as estruturas que, aparentemente, ofereciam segurança aos indivíduos mostraram-se insuficientes. Até mesmo a proposta cristã se mostra contraditória, principalmente em nosso continente latino americano, majoritariamente cristão, marcado por profunda injustiça social. Nessa realidade, a pessoa se vê obrigada a construir e trilhar seu próprio caminho, pois não existem referências críveis que deem conta da totalidade da vida.

Tudo aquilo que se apresenta como a verdade, de imediato, é posta sobre suspeita, pois não mais existem parâmetros ou referências institucionais que permitam um discernimento das múltiplas realidades que interpelam o ser humano. A verdade nem sequer é mais tematizada em termos universais. Em contra partida, o sujeito se tornou a medida do seu ser e estar no mundo. No campo religioso o indivíduo passou a procurar, uma experiência a sua medida, em meio a variedade de ofertas.

Essa realidade traz duas dimensões, uma negativa, e outra positiva. A primeira apresenta o ser humano sem referências, podendo se perder num total esquecimento de si, e viver a vida como uma fantasia. Mas também se a pessoa se apegar a estruturas exteriores (qualquer que seja) que a enquadre num modelo determinado, se alienará de si mesma. A segunda, mostra que com a crise da modernidade uma possibilidade de pensar o ser humano a partir de seu ser histórico, marcado pelo espaço e pelo tempo. Ele não é bem ou mal, mas bem e mal. É uma realidade complexa “que tenta se explicar e explicar o mundo numa existência marcada pela divisão de si mesmo e marcado pelo caráter ao mesmo tempo limitado e ilimitado, conflitivo, de seu ser.” (GEBARA; BINGMER, 1988, p.21).

Há, na verdade, uma dualidade própria do ser humano. Mas o problema é o dualismo persistente em nossa cultura que separa matéria e espírito, que enfoca uma dimensão em detrimento da outra. A dimensão materialista se manifesta no ideal do homem perfeito criado pelo mercado, que tem como parâmetros de felicidade, o ter e o prazer. A dimensão

espiritualista se apresenta num idealismo em que a verdade do homem não se encontra na história, mas num paraíso que há de ser conquistado. Em ambos os casos há uma negação da condição humana, que se tece na trama da história. E aí também se encontra a justificativa para todas as injustiças, e apatias para com os sofredores da terra.

Se esses dualismos persistem, “não há explicação de mundo que faça tapar o buraco que cada um de nós traz no centro do peito” (BETTO, 1994, p.30). Mas, para superar isso, impedindo que a pessoa viva o esfacelamento do seu próprio ser, a concepção cristã da criação é uma proposta carregada de sentido. A experiência da criaturalidade é primordial, pois esta é uma dimensão fundamental do ser humano. No tema criação, percebemos as noções de Deus e de homem. Além disso, podemos compreender uma dimensão fundamental de nossa existência e de nosso ser no mundo. (LADARIA, 2016, p.39).

Na compreensão cristã a criação parte do princípio de que o Deus criador é Pai de Jesus Cristo, mediante o qual tudo foi feito. Tal mediação criadora corresponde, na escatologia, a sua função recaptuladora do universo (Ef 1, 3-10). Ele, o Filho, primogênito da criação, e primogênito entre os mortos (ressureição), a partir da ação salvífica que ocorreu nEle, na medida em que viveu pelo Espírito, com consciência filial, abre-se o caminho para o significado cósmico universal de Jesus. Ao mesmo tempo, ele envia o Espírito para que todos possam participar da sua experiência de filiação.

Desde o princípio foi dito que o homem foi criado à imagem de Deus, mas foi em Jesus que essa afirmação ganha toda a sua força. Na sua encarnação Deus mesmo se torna o que ele se encarna, ele se faz humano no seu Filho, vemos a possível auto-exteriorização de Deus (criação, princípio da kenose), que assume o vazio da criaturalidade (cume da kenose, na encanação, na cruz), ao mesmo tempo que cria o homem possível irmão de Cristo (salvação). Cristo é a imagem do homem perfeito, em quem se realiza a perfeita liberdade, liberdade filial. Esta é o fundamento da liberdade e da criatividade humanas, que se realizam como liberdade criada, na relação com Cristo.

O mistério do amor de Deus atua dentro dos limites do espaço e tempo humanos, aí, como liberdade criada, o ser humano é chamado a realizar-se em relação e como relação. Em relação com os outros (com o mundo); mas também como relação, mediante o dom da graça, como consciência crente, segundo a forma filial da liberdade de Cristo. Opera-se uma união com Cristo realizada na história, capaz de transformar a pessoa capacitando-a a viver como liberdade pessoal. Pois, desde o princípio o homem foi criado em Cristo, para se realizar nEle. Nisso torna-se possível que o homem seja livre no acolhimento deste dom.

Em Cristo o cristão encontra a resposta para as suas perguntas radicais da existência. Participando do mistério pascal (também mediante os sacramentos), na existência concreta, os crentes vão fazendo a experiência do profundo amor de Deus em Jesus, ao mesmo tempo em que vai se desvelando a sua condição de criatura. Isso é possível, pois o Espírito habita em nós e sua morada em nós é o principio dinâmico de sua configuração filial.

Nesse processo percebemos que “há uma relação entre a criação e a ação de Deus na história. No fundamento de ambas está o infinito amor, que se manifesta desses dois modos e se caracteriza, em última análise, no socorro cotidiano a todos e a cada um dos viventes.” (LADARIA, 2016, p.38). Mas, como Deus age respeitando a liberdade humana, age atuando na liberdade humana, na medida em que nos rendemos a esse amor humilde de Deus, para sermos sinais desse amor. O Espírito em nós continua fazendo novas todas as coisas, atuando na trama da história, antecipando o reinado de Deus.

A proposta cristã de uma antropologia da criação diz algo sobre a verdade do homem e, quando assumida, é passível gerar homens e mulheres novas, que vivam a plenitude do amor. A vivência de tal proposta por Teresa lhe rendeu uma plenitude humana, na qual todo o seu ser se encontrou na paz do profundo mistério de Deus. Além disso, ela verbalizou sua vivência em uma linguagem, atual e profunda que nos permite perceber a radicalidade e universalidade da mensagem cristã, dando assim um contributo para a espiritualidade universal. Por isso, o seu itinerário de vida presente em sua obra é como uma poesia que ganha vida em quem a recita.

### 3.2 UM ITINERÁRIO DE TRANSFORMAÇÃO

Na sétima morada a alma desfruta-se da paz, da plena humanização. Ela permanece sempre na “divina companhia”, a Trindade, onde supera todas as dualidades antropológicas. Mas para chegar a tal integração, em vista da própria criaturalidade, há um processo em que a graça vai se autocomunicando à pessoa trinitariamente. A chave desta integração será sempre o mistério da sagrada Humanidade de Cristo.

Nesse itinerário de humanização é requerido um necessário autoconhecimento, que se realiza verdadeiramente quando se procura concomitantemente, conhecer a Deus (1M 2,9). Na medida em que a pessoa vai se conformando a Cristo, que habita no interior do castelo. Trata-se de um processo de restauração nele.

Porém, parte-se da exterioridade mesma, onde o ser humano vive um desenraizamento de seu próprio “eu” (no pecado). Não tem em si a própria vida, mas sendo inteligente, ele se pergunta pelo seu fundamento, sua origem e seu fim (sua verdade). Esquecendo essa pergunta de fundo, que nos revela sermos seres que formamos nossa identidade em relação, permanecemos na “animalidade”. Pois, “não nos vemos nesse espelho que contemplamos, espelho onde está esculpida a nossa imagem.”(7M 2, 8). Não nos vemos naquele em quem nosso “eu” pessoal está esculpido, Jesus Cristo.

Nesse horizonte, Teresa apresenta elementos de uma antropologia da criação como um processo histórico salvífico que vai da origem até a consumação. Partindo de sua experiência, no Castelo Interior, ela apresenta um caminho de humanização (divinização), que pode ajudar o homem contemporâneo a compreender o sentido de si; e a superar problemas causados por dualismos persistentes.

Já aludimos acima, o conhecimento próprio é imprescindível, para entrar no castelo-alma, que simboliza os diversos graus de intimidade com Deus, na medida em que a pessoa volta o olhar para o centro. Nesse processo, há um avanço no conhecimento do mistério amoroso da criação. Aí Teresa trabalha com dois termos importantes, amor e razão. Na penetração desses dois termos supõe-se a ação silenciosa do Espírito de Deus (PÉREZ, 2012, p. 200). O Espírito capacita o ser humano para o acesso do conhecimento divino e da condição humana.

A razão pode compreender o criado como realidade finita impulsionada por Deus (PÉREZ, 2011, p. 43), pois a pessoa na sua experiência raciocinada do pecado, da fragilidade humana, no confronto com a experiência do amor manifestado em Jesus Cristo, ela vai se entendendo fundada nesse amor. Aqui a liberdade vai fazendo a opção pelo amor (a Deus e ao próximo, este testifica aquele), vai formando sua identidade nesse mistério. Ou seja, vai se formando como consciência crente.

Dessa forma se vai assumindo a história desde a perspectiva do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo, na medida em que se vai unindo a ele em seu mistério Pascal. No Espírito, em Cristo, a pessoa morre para si mesma e renasce para uma vida, desde o plano escatológico. Então a razão compreende a criação como iniciada, mantida e plenificada por Deus. Como essa história é marcada pela ausência de Deus, a criatura humana deseja morrer para desfrutar da plenitude. Mas, nesse ínterim, vem em socorro o Espírito, que desvela a dependência absoluta própria da criatura, onde se pode experimentar a verdade do seu ser.

A pessoa então se encontra totalmente mergulhada no mistério da Trindade, grande agente desse processo. Ela experimenta sua origem e seu fim no amor de Deus, que a criou para a comunhão no seu Filho.

Por fim, o Espírito vai operando a conformação da pessoa a Cristo até a plena humanização. E a humanização é a “transformação interior em constante movimento, a caminho de uma existência humana mais integrada, em suas diversas dimensões. É o nascimento sempre contemporâneo da pessoa nova, fruto da recriação permanente de Deus.” (PEDROSA-PADUA, 2015, p. 316).

## CONCLUSÃO

Este trabalho buscou compreender os aspectos de uma antropologia da criação na vida e obra de santa Teresa. A compreensão deste tema revelou-se profundamente atual tanto para se pensar a teologia da criação numa perspectiva trinitária, quanto para levar o homem contemporâneo a fazer uma experiência do mistério de si mesmo, e do mistério de Deus que o envolve. Isso porque a obra *Castelo Interior*, além de ter uma profunda densidade teológica, é marcadamente mistagógica, sensível a todas as potencialidades humanas, de tal forma que desperta no indivíduo um interesse por desvendar e experimentar os mistérios nele contido.

Tentamos mostrar no início a experiência de Teresa como chave de interpretação da obra *Castelo Interior*. Percebemos como sua vida ela faz a experiência da sua criaturalidade e, ao mesmo tempo, do seu estar completamente referida ao amor infinito de Deus, que na força do Espírito, pelo Filho, faz dela uma nova criatura.

Em seguida apresentamos alguns elementos que permitem entrever a sistematização de uma experiência profunda do mistério humano e do divino, passível de ser experienciado por uma pobre criatura. A criatura humana, dotada de grandes capacidades, pode, mediante a razão e o amor, compenetrada pelo Espírito, ir desvendando o mistério amoroso da Criação. Mergulhando profundamente nesse mistério, faz-se uma experiência radical da criaturalidade, e já nesta história, experimenta a plenitude da vida na paz infinita experimentada desde dentro do mistério trinitário.

Empreendemos mostrar como essa proposta teresiana tem profunda atualidade e carregada de sentido para o homem contemporâneo, pois mistagógicamente o ajuda e se libertar dos dualismos e a descobrir o sentido profundo da vida. Também, ela se mostra uma proposta aberta à diversidade cultural do nosso tempo, visto que se trata de uma experiência fontal. Seguindo esse caminho, pode-se chegar a uma compreensão da criatura humana, no mistério infinito do Outro, que nos põe no mundo e nos chama a construir o mundo novo, em relação consigo e com os outros.

Por fim, os aspectos da antropologia da criação presente no *Castelo* lançam luzes para a compreensão do ser humano contemporâneo de forma mais integrada. Pois expressa sua unicidade desde a sua pluridimensionalidade. Sem contar que neste processo o ser humano faz a experiência radical do amor (espelhado na sagrada Humanidade), que o capacita a viver a justiça e, em sua vida e ação, ser profeta de um mundo novo.

## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, T. Teresa de Jesus (Santa). In: ANCILLI, E; Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum (Orgs). *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola: Paulinas, 2012. p. 2411-2429.
- BOFF, L; BETTO, F. *Mística e espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 28-32.
- EGIDO, T. Ambiente Histórico. In: BARRIENTOS, A. (Dir). *Introducción a la Lectura de Santa Teresa*. 2.ed. Madri: Editorial de Espiritualidade, 2002. p.63-151.
- GARCIA, M. *Oração: história de amizade*. São Paulo: Carmelitanas: Loyola, 2001. p.53-123.
- GEBARA, I; BINGEMER, M. *Maria: Mae de Deus e Mãe dos pobres*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.
- LADARIA, L. F. *Introdução à Antropologia Teológica*. São Paulo: Loyola, 2016.
- PÁDUA, L. “Que lástima é não saber quem somos”: mística e antropologia no “Castelo Interior ou Moradas” de Santa Teresa de Ávila. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 10, nº 22, p.9-34. jan./abr. 2006. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18717/18717.PDF>>. Acesso em: 03 jul. 2018.
- PEDROSA-PADUA, L. *Santa Teresa de Jesus: mística e humanização*. São Paulo: Paulinas, 2015.

PÉREZ, A. S. Antropología teológica latente em el Castillo Interior de Santa Teresa de Jesus. *Teresianum*, Roma, n°63, p.191-211, 2012. Disponível em: <[http://www.teresianum.net/wp-content/uploads/2016/05/Ter\\_63\\_2012-1\\_191-211.pdf](http://www.teresianum.net/wp-content/uploads/2016/05/Ter_63_2012-1_191-211.pdf)>. Acesso em: 03 Jul. 2018.

\_\_\_\_\_. *Una propuesta de antropología teológica em el Castillo Interior de Santa Teresa*. Ávila: Deputación de Ávila Institución Gran Duque de Alba, 2011.

RODRIGUÊS, J. V. Casttilo Interior o Las Moradas. In: BARRIENTOS, A. (Dir). *Introducción a la Lectura de Santa Teresa*. 2.ed. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2002. p.475-579.

STEGGINK, O. *Tereza de Ávila: Mulher-Mística-Doutora*. São Paulo: Loyola. 2015.

TEREZA DE JESUS, Santa. Livro da vida. In: *Teresa de Jesus: Obras completas*. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2013.

\_\_\_\_\_. Castelo Interior. In: *Teresa de Jesus: Obras Completas*. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2013.